

POR ENTRE CORES E TEXTURAS: TRANSIÇÃO CAPILAR COMO UMA QUESTÃO DE LIBERDADE ESTÉTICA, IDENTIDADE RACIAL E DIREITOS HUMANOS

*Luciana de Oliveira Dias
Sara França Eugênia*

Com o objetivo de identificar, compreender e explicar os reflexos da transição capilar nas identidades de mulheres negras e em questões de Direitos Humanos, foi desenvolvido um estudo do cabelo crespo para além de sua fisicalidade, buscando compreender seus significados narrados por mulheres negras que falaram sobre processos de transição capilar e sobre seus cabelos crespos. Os dados para esta pesquisa, aqui parcialmente comunicada, foram produzidos a partir da realização de um grupo focal de oito mulheres interlocutoras que se habilitaram a falar sobre seus processos de transição capilar. Neste texto, o investimento intelectual foi uma busca por um entendimento mais acurado do que seja a transição capilar, expandindo esse entendimento para além do processo de abandono de procedimentos físicos e químicos que alisam os cabelos e conduzem a uma consequente aceitação do cabelo natural.

Nesse sentido, a transição capilar é o processo de transformação sobre como a pessoa percebe seu próprio cabelo, podendo, ou não, envolver procedimentos físicos ou químicos, que alteram a estrutura capilar natural. Dessa forma, é possível que ocorra transição capilar quando se passa de uma percepção negativa

para uma percepção positiva acerca do próprio cabelo. Ou no processo inverso, ou seja, quando a pessoa percebia seu cabelo como parte de sua identidade e o valorizava positivamente; mas passou, por qualquer circunstância que seja, a percebê-lo como inferior e um empecilho à sua realização pessoal.

Em ambos os casos, a decisão pode ser consciente, o que irá desencadear um fortalecimento ou enfraquecimento da identidade; ou inconsciente, por motivos que dependerão da história e das experiências de cada pessoa. Nilma Lino Gomes (2008) analisa que a compreensão acerca da construção da identidade negra em meio a uma sociedade miscigenada e, ao mesmo tempo, racista varia muito de acordo com a história de vida, os interesses, a idade, a inserção social, a geográfica e a política de cada sujeito.

Questões envolvendo o cabelo crespo ou alisado sofrem influências socioculturais e políticas diversas. É preciso considerar, individualmente, os impactos da classe social, do nível de escolaridade, da cor da pele, das relações raciais dentro e fora da família, do nível de exposição a situações de preconceito e discriminação, da personalidade, da representatividade, da idade, entre outros. As diversas formas possíveis de se experimentar a transição capilar podem levar a efeitos diversos sobre a construção de uma identidade negra. É possível imaginar, por exemplo, que nem sempre ao fim da transição capilar será feita a opção estética pela textura natural do cabelo. Pode-se supor, de maneira semelhante, que a aceitação do cabelo crespo pode não estar necessariamente relacionada a uma transição capilar, se não houve uma mudança na percepção do indivíduo sobre seu cabelo.

As narrativas de cada mulher negra sobre suas experiências com o cabelo e com a transição capilar, aqui categorizada como

transição capilar de resignação – quando se mantém uma percepção negativa e inferiorizante, independentemente da textura capilar – ou transição capilar afirmativa – quando indica a afirmação de uma identidade negra positiva sobre si – possibilitaram identificar similaridades e discrepâncias na forma como cada mulher vivenciou a situação e os efeitos do processo em sua construção identitária. Ressaltamos que o processo de construção de uma identidade é complexo e se dá de diferentes maneiras. Para Nilma Lino Gomes (2002), a construção de uma identidade negra se dá no contato com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo.

Uma consideração relevante do estudo realizado para este manuscrito, é a de que, ao fim da transição, é possível optar tanto pelo cabelo crespo, quanto pelo cabelo alisado, desde que não persista, sobre o cabelo, uma ideia pejorativa e opressora. Apesar de possuírem estéticas diferentes, pessoas negras com cabelos crespos e alisados podem terminar o processo de transição capilar se percebendo menos oprimidas por padrões estéticos ou identitários. Em contextos assim, o processo de transição capilar pode indicar efeitos em questões de Direitos Humanos que implicam o restabelecimento de uma dignidade que passa pela autoaceitação e autopercepção como sujeito de direitos.

Em sociedades de base racista, como é o caso da brasileira, o racismo conduz a um cerceamento da liberdade estética de pessoas negras a partir da imposição de uma estética negra este-reotipada, exercendo uma influência nos processos identitários e nos sentimentos de pertencimento racial de pessoas negras que alisam ou que usam o cabelo crespo. A partir dessa consideração, é discutido o respeito à singularidade do sujeito de direito; que,

de acordo com Paulo Cesar Carbonari (2007), permite entender que cada sujeito é único em sua trajetória pessoal, em sua posição e em sua corporeidade, o que, por sua vez, abre espaço para o direito à existência, à integridade do corpo, à intimidade, e à liberdade de expressão, que inclui a forma de se expressar por meio do cabelo.

Transição capilar de resignação

A correlação direta entre cabelo crespo, racismo e construção identitária de pessoas negras revela a complexidade que pode existir no ato de alisar ou deixar de alisar os cabelos. O alisamento químico ou físico pode, eventualmente, ocorrer apenas por uma questão estética; contudo, a escolha pelo cabelo alisado e a aversão ao cabelo crespo podem ter fundamentos mais complexos e merecedores de mais atenção. O ódio ao próprio corpo e ao próprio cabelo pode estar diretamente relacionado ao racismo estrutural que vigora na sociedade brasileira.

Dado seu aspecto estrutural, o racismo “à brasileira” continua a fazer vítimas, mesmo que silenciosamente infiltrado. Silvio Almeida ressalta que “É desse modo que o racismo passa da destruição das culturas e dos corpos com ela identificados para a domesticação de culturas e corpos” (Almeida, 2019, p. 667). A domesticação de corpos apontada pelo autor pode, a princípio, parecer mais branda do que uma violência física. Mas, como observa Lélia Gonzalez (1988), a violência permanece assumindo novos contornos, mais sofisticados, por vezes parecendo até mesmo não ser violência, mas sim o reconhecimento de uma “superioridade”. O alisamento do cabelo pode ser percebido como uma forma de domesticação e, portanto, uma violência contra o corpo negro.

Edmund Leach (1983) argumenta que os cabelos possuem um significado atrelado ao exercício da sexualidade. O autor defende, após desenvolver um estudo de documentação etnográfica observando rituais públicos culturalmente definidos, que o cabelo longo e solto costuma ser associado a uma sexualidade livre, enquanto um cabelo bem amarrado costuma ser associado a uma sexualidade reprimida. Nos perguntamos, será que a necessidade de disciplinar o cabelo crespo, prendendo-o com força ou alisando-o com produtos fortes e nocivos à saúde, não estaria relacionada a uma necessidade de controle sexual das mulheres negras? Se o significado do cabelo bem amarrado seria uma forma de repressão sexual (Leach, 1983), essa repressão ocasionaria uma restrição ao conhecimento sobre o próprio corpo, que pode passar a ser percebido, respectivamente, como inferior e selvagem. Crescer odiando seu próprio corpo, ou parte dele, como o cabelo, é opressor e influencia negativamente a autoestima de mulheres negras. Isso, por sua vez, impacta diretamente na afirmação de uma identidade positiva sobre si e pode cruelmente reproduzir e reforçar padrões estéticos de grupos dominantes.

A transição capilar pode ser problematizada com o intuito de ser compreendida de forma mais abrangente. Comumente entendida como o processo de abandono de qualquer procedimento físico ou químico para alteração da estrutura do cabelo, a transição capilar costuma ser percebida como parte de um movimento de reconstrução identitária, ou seja, essencialmente positivo. Contudo, após o desenvolvimento do estudo e de algumas reflexões, entendemos que a transição capilar não é necessariamente positiva e pode ser problematizada se considerarmos que pode existir transição capilar no ato de alisar os cabelos.

É possível existir a transição capilar quando a pessoa possui uma visão positiva acerca do próprio cabelo; mas, ao entrar em contato com experiências de racismo, por exemplo, passa a percebê-lo como uma característica negativa. Nesse caso, também pode ser observada uma transição capilar. Contudo, em um movimento inverso, pode-se considerar que prevaleceu a rejeição ao próprio corpo, o que pode desencadear uma construção identitária baseada em premissas negativas.

Essa forma de transição capilar, que estamos nomeando aqui de transição capilar de resignação, pode ser disparada em função da necessidade de se ajustar a um padrão. O processo se torna relevante por reforçar noções de inferioridade acerca do próprio corpo e da própria cultura. O alisamento pode ser um lugar de maior aceitação social para algumas mulheres negras, como na narrativa a seguir:

Recentemente eu até comentei com uma prima que eu queria passar pela transição, mas ela disse que preferia meu cabelo grande e escovado, que ficava mais bonito. Aquela limitação de quem vive em uma caixinha, mas até você explicar que o cabelo alisado que fica mais bonito não é o meu cabelo, então você sempre vai receber essas críticas, que no meu caso vem em maioria do seio familiar. E querendo ou não, são críticas que te deixam mais pra baixo, te deixa confuso e te impedem de prosseguir, porque ao invés de ter apoio você tem essa carga negativa à sua volta, né? A questão da comodidade sobressai, mas você sofre por não conseguir fazer o que você queria, por uma questão de não ter tempo e pela opinião das pessoas de que é mais legal você manter assim. Por dentro eu não fico tão legal (de alisar), porque eu não sou assim. Você vai tirar uma foto e fica mais alinhada, mas bonitinha, mas não é o que te faz bem no meu caso, por isso estou tentando a transição novamente (Interlocutora 08, 27 anos, professora).

A interlocutora acima manifestou o interesse em fazer uma transição capilar, mas também relatou o receio de não ter apoio para realizar todo o processo. Surpreendentemente, o desencorajamento teve início no próprio grupo focal realizado no âmbito da pesquisa que sustenta este manuscrito, quando uma das mulheres pediu a palavra, ela se manifestou nos seguintes termos:

Tanto de produtos que se gasta com o cabelo crespo, nossa [...] É muito creme! Eu gastava muito creme para poder modelar, pra poder deixá-lo desse jeito, e aí depois tem que texturizar para quebrar o durinho do creme e aí gasta tempo. Para quem tem a vida corrida, e não tem uma produção Globo na vida para poder cuidar, é muito difícil. Porque passar pela transição vendo no espelho a dupla textura é muito traumático, é muito difícil. E vendo a cara do namorado ou da namorada [...]. É muito difícil lidar com o olhar dos outros, que não compreendem. Mas é bom pra você se vencer, se respeitar, pra você não deixar ninguém falar mal do cabelo, se você não conhece seu cabelo, como que você defende seu cabelo? (Interlocutora 07, 42 anos, atriz).

Pode ser notada uma contradição na fala da interlocutora 07, pois, ao mesmo tempo em que encerra sua fala tentando manifestar um apoio à decisão de não mais alisar o cabelo, como se esse processo fosse importante para conhecer a si mesma e se defender de quem deprecia o cabelo crespo, ela reforça a ideia de que a transição é traumática e difícil. Essa contradição na fala desvela uma dor da interlocutora acerca da opinião dos outros sobre o cabelo durante a transição capilar, talvez uma projeção das próprias experiências que teve quando tentou não alisar o cabelo. Uma interpretação possível é a de que a relação dessa interlocutora negra com seu cabelo ainda não esteja resolvida, mantendo-se permeada por rejeições e frustrações decorrentes do racismo experimentado.

A fala tem força no grupo e apresenta potencial para desencorajar quem está pensando em optar pela transição capilar. A força da fala está relacionada à legitimidade de quem a profere como alguém que enfrentou o processo e, portanto, tem propriedade para emitir sua opinião. Naquele instante do grupo focal, a interlocutora 08 se silenciou e não mais manifestou a vontade de passar pela transição diante do grupo. Entendemos que a falta de apoio manifestada pela interlocutora 07 teve o impacto temido pela interlocutora 08, fazendo com que repensasse, pelo menos naqueles instantes, a escolha pela transição capilar.

Categorizamos a transição capilar de resignação como o processo de ajustamento ao padrão estético dominante, ou seja, o cabelo era percebido como parte de sua identidade e valorizado positivamente. Contudo, o fato de experimentar situações de racismo faz que o cabelo passe a ser percebido como um empecilho à realização pessoal. Nesse caso, o processo pode acontecer quando se passa a alisar o cabelo por não conseguir perceber beleza no cabelo natural ou quando se desenvolve uma relação de ódio e desprezo pelo próprio corpo, mesmo que o cabelo continue crespo. Assim, a transição capilar de resignação pode favorecer uma diminuição da autoestima e contribuir para uma construção identitária baseada em premissas negativas.

Tem-se, então, um ajuste a um padrão estético que impõe noções de inferioridade aos corpos, especificamente das mulheres negras. Ao buscar se proteger do racismo sobre seu corpo, o indivíduo inicia uma busca para se enquadrar esteticamente em um padrão dominante e compreendido como superior. Assim sendo, ao invés de questionar padrões advindos de figuras primárias, busca-se o ajuste a esses padrões para evitar situações opressivas,

ainda que seja pela busca de uma caricatura do branco (Souza, 1983). Esse enquadramento em um padrão branco, que refuta um fenótipo negro originado na necessidade de se esquivar do racismo, faz que mulheres negras passem a ver seus traços naturais como inferiores.

O mito da democracia racial e do ideal de embranquecimento contribuem para a construção de uma identidade negra baseada em premissas negativas e desencadeiam uma busca por identificação com padrões, inclusive estéticos, brancos. Carlos Moore, ao estudar as bases epistemológicas para entender o racismo e os processos de identificação, ressalta que “A identificação com o segmento dominador, além de oferecer enormes incentivos psicológicos e benefícios materiais, propicia a criação de uma falsa identidade racial” (Moore, 2020, p. 212). Esses processos de identificação que provocam hierarquizações e falseamentos quanto às identidades e percepções de si podem ser notados nas narrativas de “violências” experimentadas em salões de beleza. Há um predomínio do padrão estético branco entre profissionais que trabalham com cabelos. As narrativas a seguir apontam a ocorrência de violências que consistem em desprezar e inferiorizar o cabelo crespo ao mesmo tempo em que se enaltece o cabelo liso e alisado.

Até hoje, quem corta o meu cabelo sou eu porque uma vez eu fui cortar o cabelo e a moça falou que meu cabelo estava “estragado” e cortou todo o meu cabelo. Eu fiquei sem ideia de como cuidar daquele cabelo curto e volumoso. Foi quando comecei a usar a chapinha, o relaxamento, enfim [...] (Interlocutora 02, 29 anos, publicitária).

Essa narrativa descreve uma situação problemática que gravita em torno da questão: por que o cabelo crespo foi considerado

“estragado” pela profissional? O corte, nesse caso, foi uma violência, pois não foi solicitado pela cliente, nossa interlocutora, mas realizado com a justificativa de se retirar o cabelo “estragado”, que, de fato, era o cabelo crespo. A associação entre cabelo crespo e cabelo estragado demonstra uma eficaz atitude inferiorizante do cabelo, do corpo e do ser negro.

Ainda em relação à interlocutora 02, o alisamento químico, feito através de relaxamento, mostrou-se uma solução para o corte violento e não desejado. Ao se perceber com um cabelo que não sabia lidar, devido ao seu novo comprimento, a interlocutora se viu obrigada a recorrer aos diferentes tipos de alisamento. A solução para a violência do corte forçado foi uma nova violência, ao se apresentar o cabelo alisado como única solução. As narrativas revelam situações violentas e traumáticas experimentadas em salões de beleza, que se constroem ao longo de toda uma existência de autorrejeição e auto-ódio.

Eu fui fazer uma escova, e até hoje eu não gosto de fazer escova no meu cabelo, eu não sei, talvez por trauma desse acontecimento. Eu fui para escovar meu cabelo e passar uma chapinha. Ia ter uma apresentação, uma coisa nesse sentido, e eu notei que a pessoa passou algum tipo de relaxante nos meus cachos da frente. Tanto que até hoje os meus cachos da frente são mais abertos devido a esse procedimento. Eu não gosto, não gosto mesmo (Interlocutora 01, 24 anos, historiadora).

Antes, minha mãe me levava para relaxar o cabelo, só na raiz, igual eu falei, eu nunca quis alisar o cabelo, eu queria os cachinhos, só que queria a raiz baixa. Aí a primeira vez que passaram formol no meu cabelo não foi com a minha autorização e nem com a autorização da minha mãe. Tanto que ela (a cabelereira) demorou até a falar que tinha passado formol no meu cabelo. A minha mãe comprou shampoo antirresíduos. A gente comprou milhares de

produtos para passar no cabelo porque a gente não sabia o que tinha acontecido no cabelo pra ele estar todo alisado. Até que a mulher falou que tinha passado formol e fez uma progressiva no cabelo. Aí minha mãe lembrou de me perguntar, porque ela já tinha feito progressiva, se tinha ardido meu nariz, se tinha [...] se eu tinha sentido meu olho arder [...] e foi aí que ela descobriu que eu tinha feito [...] é [...] que ela (a cabelereira) tinha feito progressiva no meu cabelo. Aí eu comecei a fazer, só por isso que eu comecei a alisar e ter isso comigo, que eu não queria ter (Interlocutora 04, 23 anos, estudante de medicina).

Em ambas as situações apresentadas, produtos químicos foram utilizados no cabelo sem o consentimento das clientes, nossas interlocutoras nem mesmo sabiam que estavam realizando um procedimento de alisamento forçado. A interlocutora 04 relata que só começou a alisar o cabelo por causa do primeiro alisamento, que aconteceu sem o seu consentimento, inclusive. É inegável a violência aos corpos negros, que são submetidos a procedimentos químicos gravosos à saúde sem o devido consentimento. Há uma reafirmação do ideário de corpo negro como território de ninguém e, portanto, passível de ser invadido. É urgente o reconhecimento do domínio e autodeterminação das pessoas negras sobre seus próprios corpos, sob pena de eternizarem-se situações de violências e violações de direitos elementares de qualquer ser humano. A narrativa a seguir permite perceber como é urgente esse reconhecimento.

[...] uma coisa que me choca até hoje é, ouvindo aqui, percebi que não era um relato só meu, é a própria violação do direito de autodeterminar o que vai ser feito ou não com o seu cabelo. Pra mim, essa questão do relaxamento forçado do meu cabelo, da parte da frente do meu cabelo, para que a escova ficasse mais assentadinha, assim? [...] Mas quando você fala dessa questão do cabelo, e eu já ouvi isso, tem gente que fala que é porque como profis-

sional a pessoa sabia o que estava fazendo e que talvez esteticamente ficaria melhor. Como se eu não soubesse e não pudesse decidir o que é melhor pra mim, é uma violência, foi uma violência. Algo muito sério, por que e se eu tivesse tido alguma alergia? Foi algo que eu nem percebi na hora, como eu fiz a chapinha, eu só percebi depois o que tinha acontecido. E quando você cobra explicações, dizem que não temos entendimento [...]. É algo que parece que você está exagerando que é uma questão sua, mas é algo muito grave. A pessoa não te pergunta e não precisa da sua autorização para fazer o que ela acha que é melhor. Isso pra mim está além de qualquer justificativa, não tem [...] (Interlocutora 01, 24 anos, historiadora).

Ajustar-se a um padrão de beleza imposto e negar sua própria beleza é uma forma muito eficiente de construir uma autoimagem negativa e conflitante com seus próprios corpos. Importa ressaltar ainda que esse processo independe da textura do cabelo. Mesmo que não haja alisamento, é possível existir uma transição capilar de resignação. Nas transcrições a seguir, pode ser notado que a opção pelo cabelo natural pode gerar uma busca pelo cabelo crespo perfeito, aquele sem *frizz* e com cachos bem definidos.

Agora quando eu parei de alisar, acho que entrei muito na pilha de ter os cachos perfeitos, aqueles que nunca têm *frizz*, aí eu já passava muito creme e rezava para não ter nenhum *frizz*, pra não sair na chuva ou no tempo frio, porque eu já pensava que ele ia ficar horrível (Interlocutora 06, 20 anos, estudante de antropologia).

Também acho que tem que haver o fim de muita coisa que a gente romantiza, teve a questão dos cachos perfeitos. A gente tem que desconstruir isso do cacho perfeito e até do liso perfeito, tem um movimento muito bacana de desconstruir isso. E isso foi uma coisa que eu sofri bastante, quando eu comecei a gostar do meu cabelo e sentir a textura dele eu sofria, porque tem dia que a gente acorda no *bad hair day*, que são aqueles dias que o cabelo não está tão bom. Seja porque você dormiu em

um tecido não favorável que deu muito frizz ou simplesmente porque o cabelo não está bonito. Acho que temos que ir parando [...]. A gente trabalha, estuda, tem filho e casa e é diferente de uma blogueira que vive pra arrumar cabelo e tem salão e patrocinador [...] (Interlocutora 01, 24 anos, historiadora).

Os cachos perfeitos parecem reiterar a mesma opressão do alisamento, em que o cabelo tem que estar alinhado e controlado para ser aceito socialmente. A busca pelo cabelo perfeito, mais aos moldes ditados pela mídia, seja ele alisado ou crespo, gera opressão e pode ser entendida como uma transição capilar de resignação, uma vez que a utilização da textura crespa do cabelo permanece vinculada a padrões estéticos impostos que buscam controlar a textura natural do próprio cabelo.

Outro ponto a se mencionar sobre o cabelo crespo e sua associação com o empoderamento negro é o uso de penteados étnicos, como as tranças, por exemplo. Atualmente, mulheres negras motivadas por um discurso de resgate histórico e ancestral da arte de trançar os cabelos têm aderido às tranças como forma de afirmar sua negritude. “Ademais, as técnicas de entrelaçamento para cabelos crespos negros foram ‘eleitas’ pelos movimentos negros como símbolos estéticos ‘legítimos’ e ‘afirmativos’ de construção das identidades negras.” (Santos, 2019, p. 64). Embora o discurso reforce o trançado dos cabelos como uma reconexão ancestral e uma forma de manifestar uma identidade negra positivada, as narrativas das interlocutoras revelam a possibilidade de uma realidade diferente.

Então ele cortou e o cabelo ficou muito curto. Aí eu corri e coloquei as tranças. Não consegui me olhar no espelho e gostar dele. Fui indo assim, tirando e colocando as tranças. Mas quando ele fica uns três dias sem lavar e começa

a dar muito trabalho para arrumar eu já quero colocar as tranças de novo. É um processo. De aceitar meu cabelo sem trança. Eu, particularmente, me sinto mais bonita, mais empoderada, mais mulher quando estou com as minhas tranças (Interlocutora 03, 25 anos, enfermeira).

Por enquanto não uso ele natural. Tirei todo o alisamento, que ele estava na altura do sutiã com o alisamento, aí eu coloquei a box braids [...]. Eu ainda não usei curтинho, porque ele está curтинho [...]. Por conta do tamanho eu ainda não quero usar ele natural, quero que cresça mais (Interlocutora 05, 24 anos, artesã e modelo).

As tranças parecem substituir o alisamento na função de deixar o cabelo mais parecido com o padrão de cabelo longo e sem volume, como são os cabelos lisos, só que, de certa forma, para mulheres negras as tranças são uma estética lida como mais empoderada e autêntica do que o cabelo alisado. Com as tranças, duas características percebidas como inferiores no cabelo crespo são solucionadas: o comprimento e o volume. Analisando as imagens da Figura 1, é possível perceber, de forma visual, como a estética se assemelha.

Figura 1 – Alisado x trançado



Fonte: Montagem elaborada pelas autoras a partir de imagens da *internet*. Disponível em: <https://www.amazon.co.uk/cjaijun-Extensions-European-American-Straight/dp/B09DFWSTJK>. Acesso em: 11 jul. 2024.

No caso das narrativas apresentadas, as tranças parecem atuar mais como um substituto do alisamento, sendo mais aceitável perante outras pessoas negras, como uma escolha mais autêntica, uma reconexão com a ancestralidade africana e uma aceitação do corpo negro. Embora ambas as perspectivas possam coexistir na mesma escolha, a primeira parece ser a motivação principal

para nossas interlocutoras. Portanto, pode ser que a opressão em relação ao cabelo crespo persista até mesmo quando eles estejam trançados. O cabelo crespo ainda é preterido e sua aceitação não é pacífica, conflitos parecem remanescer quando se observa que ambas as narrativas anteriormente apresentadas revelam uma dificuldade em lidar com o cabelo natural. A narrativa a seguir deixa evidente que a trança surge, literalmente, para substituir a impossibilidade de alisar.

Então foi uma promessa que eu fiz, que se não fosse câncer igual ao da minha mãe foi, eu ficaria seis meses sem alisar o cabelo. Por fim, eu achei a solução da trança e aí gostei demais, agora minha promessa está cumprida e eu não quero tirar, entendeu? (Interlocutora 05, 24 anos, modelo e artesã).

A promessa que impossibilitou o alisamento faz surgir o interesse pela trança, justamente pela semelhança na estética de ambos os procedimentos. Cabelos longos e sem volume, o que se adequa melhor às exigências do padrão de beleza branco. A problemática reside no fato de que não existe uma liberdade de expressão estética se mulheres negras se recusam a alisar os cabelos, mas continuam a obedecer a padrões estéticos que inferiorizam seu fenótipo.

Muitos críticos sociais e comentaristas veem perigo em adicionar longos e não crespos em cabeças de meninas pequenas que precisam desenvolver uma identidade étnica e autoestima em uma sociedade que despreza cabelos curtos e crespos (Byrd; Tharps, 2014, p. 174, tradução nossa).

Além disso, impor o discurso de que o alisamento capilar é necessariamente uma tentativa de se copiar o branco é precário, pois desconsidera inúmeras experiências possíveis de vida que

levam a motivos diversos sobre a liberdade de escolha acerca da manipulação dos cabelos. Além disso, esse discurso costuma vir acompanhado de uma noção de ódio em relação ao fenótipo branco, desacreditando ou desmerecendo pessoas negras que optam por não usar seus cabelos com texturas naturais. Nesse ponto nos lembramos de Frantz Fanon quando alerta que “o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco” (Fanon, 2008, p. 26).

A imposição do uso do cabelo crespo pode ser entendida como a inversão da lógica opressora, pois segue sendo uma imposição que viola a liberdade de expressão estética e mantém pessoas negras aprisionadas a um padrão estético agradável a determinado segmento societário. É preciso respeitar os diferentes processos que podem ocorrer na relação que uma pessoa negra desenvolve com seu corpo e, conseqüentemente, com seu cabelo. Joice Berth (2019) alerta que muitos indivíduos podem incorrer na lógica capitalista de tratar os outros como objetos de consumo. Para a autora, mesmo sendo conscientes das desigualdades e da raiz que as formam, esses indivíduos continuam não sendo respeitosos com as lutas alheias.

Quando lidamos com o cabelo crespo como objeto de estudo, aprendemos que é fundamental o respeito à liberdade estética que colabora para a afirmação das identidades e garantia de Direitos Humanos. Consideramos que pode existir transição capilar de resignação, ainda se não houver mudança de textura, ou até mesmo se a mudança foi pelo uso de penteados étnicos, como as tranças, por exemplo. Entendemos que há que se considerar que a percepção do sujeito sobre o próprio corpo, com todas as suas emocionalidades, é elementar para a categorização que se

queira fazer sobre transição capilar. Se é uma percepção negativa e inferiorizante, independentemente da textura capilar, estamos possivelmente diante de uma transição capilar de resignação.

Transição capilar afirmativa

Para se libertar de uma inferiorização socialmente imposta, é preciso reverter a imagem negativa que se tem do próprio corpo, conforme aponta Kabengele Munanga (2012 *apud* Gomes, 2008). Isso que pode ser feito por meio de um processo de desconstrução da imagem negativa e pela reconstrução de uma nova imagem positiva. Tomando como ponto de partida essa perspectiva, entendemos que é possível romper com um padrão de inferioridade, apelando para um processo de transição capilar afirmativa. Afirmativa por conduzir a uma ruptura com padrões de inferioridade estabelecidos anteriormente e à construção de uma percepção mais autêntica sobre si e sua estética, afirmando de maneira positiva sua identidade negra.

A transição capilar afirmativa pode favorecer uma construção identitária positiva ao permitir que pessoas negras se aprofundem em questões que as levaram a manter, com seu cabelo e com seu corpo, uma relação de conflito e rejeição. Ao questionar modelos e padrões socialmente impostos, ou ao buscar se adequar a eles, as pessoas negras que passam pela transição capilar podem iniciar um processo identitário complexo. Os excertos extraídos do grupo focal e transcritos a seguir demonstram a relação entre transição capilar e afirmação identitária.

A transição não é só a do cabelo, quem já passou por uma transição viu que é algo que vem de dentro pra fora. Pra você gostar e ter coragem de mudar o cabelo, tem que começar dentro de você. Você realmente mostrar

quem você é, e o cabelo foi uma porta de entrada para coisas que hoje eu aprendo bastante (Interlocutora 03, 25 anos, enfermeira).

O cabelo é um reforço bastante positivo, até porque eu já vinha de um processo, desde os 18, de reconhecimento do meu cabelo e de aprender a gostar dele. Foi um reforço extremamente positivo aprender a gostar dele. À medida que eu fui adentrando em estudos e em entender a questão da negritude e de pertença racial, eu acho que o cabelo serviu para que eu me expressasse ainda mais (Interlocutora 01, 24 anos, historiadora).

Neusa Santos Souza (1983) entende que a possibilidade de construir uma identidade exige, como condição imprescindível, a contestação do modelo imposto acerca de ser uma caricatura do branco. Nesse sentido, o processo de mudança de percepção acerca das próprias características físicas capilares é parte importante para que as pessoas negras passem a ter uma relação diferente com seus traços físicos, incluindo o seu cabelo. Romper com um padrão de beleza imposto e se perceber detentora de beleza própria pode ser um dos meios pelos quais pessoas negras passem a construir uma outra autoimagem, passando, então, nas palavras de Neusa Santos Souza (1983), a terem um “rosto próprio”. Essa mudança na percepção da autoimagem também pode ser observada nos processos desencadeados durante uma transição capilar afirmativa.

O movimento das pessoas, especificamente das mulheres negras, em aceitarem seus cabelos naturais, pode ser lido como um enfrentamento político à opressão que recai sobre seus corpos. A positivação de uma autoimagem pode ser entendida como uma afronta à imposição de um padrão de beleza branco.

Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano “normal” (Munanga, 2012, p. 524).

O cuidado com os cabelos pode fomentar o desenvolvimento de amor-próprio e de sentimentos de pertencimento racial.

A ideia de que estilos de cabelo, em qualquer formato, podem ser uma forma de resistência a padrões de beleza impostos pela mídia de massa e que podem possibilitar que a mulher negra construa positivamente sua identidade é importante por dois motivos: voz e empoderamento (Banks, 2000, p. 69, tradução nossa).

Um corpo, antes percebido como inferior e desprovido de beleza, pode passar a ser entendido de forma diversa; contudo, não é a mudança na textura do cabelo que assegura a ocorrência de uma transição capilar afirmativa. É possível que a mulher interrompa o alisamento e use o cabelo crespo sem que tenha uma percepção positiva acerca do próprio cabelo. E, se o cabelo continua sendo percebido como inferior e negativo, não se efetiva uma transição capilar afirmativa, mas somente uma alteração na textura do cabelo. O que é demonstrado na narrativa a seguir:

Eu passei por três períodos de transição capilar. O primeiro foi na marra mesmo, por não saber lidar e nem cuidar e minha mãe tendo um segundo AVC e meu pai saindo de casa, e eu tendo que cuidar dela e tudo mais, e eu sendo uma menina de 17 anos bem infantil, meu cabelo quebrou e assim ficou. Eu não tinha um olhar pra mim, eu não cuidava. Foi quebrando até virar um corte “joãozinho” e eu tinha que lidar com aquilo e com as pessoas reclamando o tempo inteiro e aí eu passei por esse corte e deixei desse jeito. Foi horrível, desgastante e eu não consegui amarrar, mal conseguia trançar [...]. Então foi bem pesaroso, demorou um tempo e eu não

conseguia ver beleza de verdade nele assim. Eu até gostava, via ele crespo aqui de um jeito, dali de outro jeito, estava tudo bem, mas assim [...] era mais um “tá tudo bem” é o que temos por agora, do que um “tá tudo bem” de felicidade (Interlocutora 07, 41 anos, atriz).

A ausência de uma mudança na percepção que tinha do próprio corpo explica o motivo da interlocutora ter passado pelo que ela denomina de “três períodos de transição capilar”. Nesse caso não se consolidou uma transição capilar afirmativa, pois, como ela mesma afirma, o processo foi feito “na marra” e não de forma autônoma. Ocorreu, pois o cabelo estava danificado e por isso foi interrompido o alisamento, mas a percepção continuou sendo a do próprio cabelo como signo de inferioridade e que não a agradava, não sendo motivo de felicidade ou de identificação. Portanto, como apenas a textura do cabelo foi alterada, a interlocutora permaneceu em uma relação conflituosa com seu cabelo, o que a fez retornar ao alisamento por mais duas vezes, conforme sua narrativa.

A descoberta da beleza dos próprios cabelos impacta diretamente a autoestima de mulheres negras e, conseqüentemente, influencia a construção de uma identidade negra não mais baseada em sentimentos de inferioridade, mas sim em premissas positivas e conscientes acerca de seu pertencimento racial. Kabengele Munanga (2012) afirma que a recuperação de uma identidade negra começa pela aceitação dos atributos físicos, antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos. Para o antropólogo, o corpo é sede material de todos os aspectos da identidade.

As descobertas e mudanças, em nível pessoal e coletivo, que podem surgir com a transição capilar afirmativa, podem impelir

a enaltecer e revalorizar as características físicas naturais. Esse movimento possibilita ver beleza e poder em traços de um corpo que se aprendeu a odiar, “[...] o racismo ‘trabalha’ encorajando a desvalorização da negritude pelos próprios sujeitos negros, por isso, um senso de orgulho se torna um pré-requisito para resistência e reconstrução.” (Mercer, 1987, p. 36, tradução nossa). Esse senso de orgulho, citado por Kobena Mercer, pode surgir com a aceitação do cabelo crespo e a ressignificação de pertencimento favorecida pela transição capilar afirmativa. As falas das interlocutoras que optaram pelo uso do cabelo crespo demonstram que – embora exista um passado comum de violência relacionada à percepção dos outros sobre o próprio corpo – modificar o olhar, percebendo-se de forma positiva, é um passo importante para ressignificar as experiências do passado.

Nesse sentido, a revalorização do próprio cabelo pode fazer surgir uma reconexão com o passado. Não mais um passado de dor e opressão associado à escravidão, mas um que revela uma ancestralidade que pode guiar uma busca por liberdade estética, identidades afirmadas e Direitos Humanos. O ritual de uma transição capilar afirmativa faz que sejam atribuídas ao cabelo significações importantes para as pessoas negras, o que pode culminar em uma reelaboração de suas relações com seus corpos e com os outros. Afinal, o cabelo humano, ritualmente poderoso, é pleno de potencialidades mágicas (Leach, 1983) não por ser cabelo, mas devido aos contextos rituais nos quais se insere. No mesmo direcionamento, Orlando Patterson (2008) afirma que, de todas as partes do corpo humano, é o cabelo que detém as associações mais místicas, sendo associado à beleza, virilidade, poder, liberdade e até rebelião.

O ritual da transição capilar afirmativa torna o cabelo poderoso e repleto de potencialidades que reverberam na conquista de uma liberdade estética e na afirmação de identidades. Assim sendo, o cabelo adquire um alcance simbólico além de sua fisicalidade. Como parte de um corpo negro inserido em um processo de construção identitária, o cabelo se torna um símbolo nessa nova identificação. Nilma Lino Gomes (2008) afirma que o cuidado com o cabelo é parte da aceitação da beleza negra e perceber beleza no próprio fenótipo acarreta um resgate da autoestima e um interesse pela própria raça. Assim, o cabelo simbolicamente investido de marca identitária “[...] não só ‘diz’ alguma coisa, como também desperta emoções e, conseqüentemente, ‘faz’ alguma coisa.” (Leach, 1983, p. 140).

Essa agência do elemento simbólico é o que faz o cabelo mágico em uma transição capilar afirmativa, pois é através dele que se resgata a autoestima e que se reconecta a um pertencimento racial capaz de permitir que pessoas negras ressignifiquem suas vidas em sociedade, em um “[...] tipo de abstração metafísica” (Leach, 1983, p. 164). O poder pessoal simbolizado pelo cabelo, durante uma transição capilar afirmativa, existe em virtude da autonomia e da liberdade de se escolher de que forma usar esteticamente o cabelo. Joice Berth (2019) ressalta que esse poder pessoal é um movimento interno de tomada de consciência da própria potencialidade, o que permite organizar estratégias de enfrentamento de uma dominação patriarcal e racista.

Liberar-se de padrões impostos por uma supremacia branca, reconhecendo a beleza do próprio cabelo, percebendo a conexão entre essa característica fenotípica e uma ancestralidade oprimida, é capaz de gerar o poder pessoal que garante a autonomia

necessária para a conquista de direitos. Ressalta-se que esse poder não deriva somente do fim do alisamento ou da aceitação do cabelo natural, mas sim da possibilidade de escolha da própria estética, antes negada pela opressão aos corpos negros.

Quanto mais longo, melhor. Quanto mais liso, melhor. Então pode ser empoderador para você poder dizer: “Bem, eu vou usar o meu cabelo natural”. São as escolhas e a possibilidade de fazer essas escolhas que trazem empoderamento (Banks, 2000, p. 73, tradução nossa).

O direito à liberdade de se expressar esteticamente constitui um direito humano que precisa ser protegido por ser desencadeador da noção de cidadania. Ingo Wolfgang Sarlet (2006) demonstra que a noção de “dignidade” repousa na autonomia, ou seja, na liberdade que o ser humano possui de formatar sua própria existência e de se perceber um sujeito de direitos. Afinal, “[...] sem liberdade (positiva ou negativa) não há dignidade, ou, pelo menos, esta não estará sendo reconhecida e assegurada.” (Sarlet, 2006, p. 85).

A exemplo do que ocorreu com o movimento *Black Power* nos Estados Unidos, em que o penteado do cabelo afro foi lido como um movimento político de orgulho negro na luta pelos direitos civis norte-americanos, o uso do cabelo crespo ressurgiu também como um movimento com significado político mais abrangente. A escolha pelo abandono do alisamento, adotando-se a textura natural do cabelo ou optando-se por penteados étnicos que remetem a uma ancestralidade africana, tem sido cada vez mais percebida como uma escolha política que visa rediscutir padrões e enaltecer a negritude nos corpos. O cabelo crespo passa, então, a ser lido socialmente como um sinal de orgulho racial e não mais de enquadramento em um padrão branco de beleza. Uma escolha

que remete às questões de orgulho, liberdade e identificação racial. Sobre o uso do penteado afro, popular nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, Kobena Mercer faz a seguinte observação:

A tridimensionalidade de sua forma o tornou um elo significativo do Orgulho Negro. Sua morfologia sugeria uma certa postura corporal digna, pois para usar um afro você tem que manter a cabeça erguida com orgulho, você não pode se curvar de vergonha e ainda exibir seu cabelo “natural” ao mesmo tempo. Com o afro, usávamos a coroa, a ponto de se poder supor que quanto maior o afro, maior o grau de consciência negra (Mercer, 1987, p. 38, tradução nossa).

Além disso, o discurso de que o cabelo crespo simboliza consciência racial precisa ser desdobrado em suas múltiplas *nuances*. Durante o grupo focal, as narrativas de mulheres negras que alisam os cabelos revelaram um sentimento de opressão que se contradiz com o discurso de empoderamento ocasionado pelo uso do cabelo natural.

Eu comecei a frequentar então eventos, congressos e seminários para mulheres negras ou produzidos por mulheres negras e aí eu me senti não negra o suficiente para estar ali. Quando eu falava as pessoas me olhavam assim [...] e diziam que eu era café com leite. Eu chegava lá com meu cabelo alisado, roupas pretas e todo mundo me olhava como se fosse um alienígena. Algumas manas chegavam até mim e diziam que eu tinha que descobrir a natureza do meu cabelo, como se eu não soubesse isso. Eu não podia ter fé em Cristo, porque era relacionado aos brancos opressores, eu tinha que amar os deuses da minha tataravó que era escrava. Só assim eu seria considerada negra o suficiente. Se eu ia em um seminário, eu tinha que ir com meu cabelo armado para ser bem tratada. Mas quando as pessoas viam minhas fotos de cabelo alisado, elas já me julgavam, dizendo que ao alisar eu estaria negando minhas raízes, aí a primeira empatia já acabava. Eu sou perseguida no mercado como qualquer

peessoa negra, meu cabelo alisado não faz diferença. As pessoas se levantam quando eu sento do lado no ônibus do mesmo jeito, porque minha pele é negra e elas rejeitam o meu toque do mesmo jeito. Alisar não me torna menos negra e nem mais pertencente de uma elite privilegiada, mas não vamos ser hipócritas, alisar o cabelo deixa as pessoas mais confortáveis no trato com a gente. Pessoas se sentem mais confortáveis e fingem que você é mais invisível, mas não deixam de destratar você porque está com cabelo alisado (Interlocutora 07, 42 anos, atriz).

A narrativa demonstra dor ao se lembrar de situações em que o cabelo foi utilizado para desacreditar o discurso da interlocutora como uma mulher negra. O alisamento do seu cabelo foi lido pelas outras pessoas negras como extrator de legitimidade de seu discurso sobre negritude ou resistência e enfrentamento ao racismo. A falta de reconhecimento da legitimidade de seu discurso por seus pares, de acordo com a interlocutora 07, prejudicou seu processo de identificação e afetou negativamente sua autoestima. Segundo a interlocutora, embora o alisamento seja percebido como uma forma de fugir do racismo, negando a própria raça, ele não seria capaz de fazer isso, já que a cor de sua pele é determinante nas situações de opressão racial que sofre cotidianamente. A narrativa permite discutir se a pressão pelo não alisamento do cabelo, vinda do grupo com o qual se busca identificação, revela uma nova forma de opressão ao desconsiderar as razões que levam mulheres negras a alisarem seus cabelos. Joice Berth (2019) afirma ser necessário questionar continuamente de que poder se está falando e quais os possíveis caminhos e se pode escolher no sentido de não inverter a lógica atual, mas de subvertê-la.

A narrativa a seguir ilustra o sentimento de estar duplamente aprisionada por padrões exteriores. Se o cabelo alisado dificulta a identificação como negra, o cabelo em sua textura natural po-

tencializa as chances de vivenciar situações de racismo: “A pessoa só te enxerga negra se você deixa seu cabelo como é, mas se você deixa seu cabelo como é, a sociedade vem e te julga.” (Interlocutora 08, 27 anos, professora).

Ademais, o apelo pelo “natural”, evocando uma ancestralidade africana, não é problemático apenas pela lógica binária colonial discutida anteriormente, mas também por estar ancorado em uma ideia fantasiosa do que seria a África. Para Kobena Mercer (1987), o uso natural do cabelo não é popularmente difundido em culturas africanas, sendo pouco comum deixar o cabelo sem intervenções comuns a cada cultura. O mais comum é que o cabelo esteja sempre trançado ou adornado com técnicas elaboradas que criam estilos variados.

Embora seja possível perceber a opressão que existe para o alisamento do cabelo de pessoas negras, compreender o alisamento como essencialmente negativo parece equivocados. O alisamento pode ser apenas uma escolha estética ou até mesmo um ato político, uma vez que pode ser uma resposta à exclusão causada pelo racismo, forçando a aceitação e a presença do sujeito negro em locais onde seu fenótipo natural dificultaria sua entrada. Para Kobena Mercer (1987), quando o cabelo é analisado criticamente, todos os estilos de cabelo são políticos para o indivíduo negro, uma vez que articulam respostas às opressões históricas que deram, ao cabelo, seu significado identitário. Às pessoas negras deve ser assegurada a autonomia para definir a sua estética corporal e o uso do cabelo natural pode, em alguns momentos, ser uma imposição opressiva. Joice Berth (2019) argumenta que a autoafirmação exclusivamente através da estética negra pode banalizar as lutas antirracistas e tornar pessoas

negras, erroneamente avaliadas como empoderadas, caricaturas nas mãos da branquitude. Enfim, múltiplos são os caminhos, as possibilidades e as vivências.

Discutir a romantização do cabelo natural e a demonização do alisamento é necessário para questionar se a luta pelo fim de uma opressão estética não está direcionando para outros tipos de opressão também estética.

Muitas vezes, em vez de assumir o lugar da politização, esse discurso acaba se tornando um tipo de julgamento encobridor de uma concepção racista que paralisa o negro e a sua expressão estética no tempo, e não considera que, assim como outros grupos étnicos, eles também estão inseridos em uma sociedade em constante mudança, incluindo aí os padrões estéticos (Gomes, 2008, p. 170).

Esse novo padrão estético e estereotipado de negritude pode estar próximo de uma camuflagem da opressão racista que sempre se impôs sobre o corpo negro. Frantz Fanon (2008) defende que, em uma sociedade globalizada e multicultural, o racismo já não ousa se apresentar sem disfarces. À medida em que as relações sociais e políticas evoluem para novas dinâmicas de poder, para permanecer como ideologia estrutural, o racismo também precisa desenvolver novas formas de dominação, sofisticando-se. Silvio Almeida (2019) ressalta que uma nova dinâmica do racismo consiste em enquadrar o grupo discriminado em uma versão de humanidade que possa ser controlada. Nesse sentido, exigir que mulheres negras tenham uma estética específica, mesmo que seja considerada uma “estética negra”, poderia ser visto de acordo com uma nova dinâmica racista. Dinâmica que visa aprisionar mulheres negras em estereótipos controláveis ao invés de permitir que haja liberdade de expressão estética.

Infelizmente, em grande parte da ficção contemporânea das mulheres negras, a luta da mulher negra pela subjetividade, apesar de forjada numa resistência radical ao status quo (em oposição à opressão racista e, com menos frequência, à de gênero e classe), geralmente assume a forma de mulheres negras ultrapassando limites impostos pelos outros, apenas para aproveitar sua recém-descoberta “liberdade” definindo limites e fronteiras para si mesmas (Hooks, 2019, p. 1273).

Assim como o uso do cabelo crespo, o alisamento pode ser uma escolha. Essa possibilidade existe e precisa ser respeitada, sendo defendido o direito que as pessoas, especificamente as mulheres negras, têm de liberdade sobre o próprio corpo. A existência de razões contundentes para questionar e problematizar o alisamento do cabelo não pode tornar uma sociedade míope quanto a outras possibilidades de exercício da liberdade estética e da afirmação de identidades raciais.

Considerações finais

A ideia de que os cabelos crespos são símbolos de afirmação racial e os cabelos alisados símbolos de alienação reforça a lógica do racismo estrutural que se sofisticava diante das resistências e enfrentamentos. Há que se garantir, como um direito elementar, a liberdade de escolha estética, livre de preconceitos ou discriminações, porque ela pode conduzir a uma afirmação de identidade racial que insere os indivíduos em uma luta contra o racismo. Não é demais relembrar que:

Determinados símbolos assumidos como afirmativos e identitários em determinadas sociedades podem não ter o mesmo significado para outras, basta lembrarmos que os negros norte-americanos sempre alisaram os cabelos e nem por isso deixam de ser vistos como negros (Figueiredo, 2002, p. 7).

Concordamos com Joice Berth (2019) quando ela defende que o anseio por uma transformação coletiva da sociedade, para o fim político das dominações, pode, muitas vezes, esconder simplesmente um desejo pelo fim do que nos machuca e nos violenta, o que nos deixa cegos às diversas possibilidades e experiências de vida. O cabelo é pensado pela sociedade e pela cultura para expressar posições sociais, grupos étnicos e raciais, preferências e escolhas estéticas. A estética alisada pode ser problematizada, mas também pode ser tomada apenas como uma escolha estética e a liberdade dessa escolha deve ser garantida às pessoas, especialmente às mulheres negras, assim como muitas escolhas são garantidas às pessoas e especialmente às mulheres brancas.

Em uma perspectiva histórico-sociológica, o corpo foi, muitas vezes, o único espaço performático permitido ao sujeito negro, por isso sua estilização, nas mais variadas formas possíveis, é uma expressão de criatividade e uma linguagem a serem respeitadas. Concordamos com Hall e Sovik (2013, p. 23) quando nos convidam: “[...] pensem em como essas culturas têm usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos como em telas de representação.” Estilizar o próprio corpo como forma de demonstrar uma identificação permite diversas possibilidades e a liberdade de experimentar a expressão corporal, isto é um direito que não pode ser retirado do sujeito negro.

A diversidade possível de estilos de cabelo que podem ser utilizados pelas pessoas negras deve ser motivo de orgulho, já que testifica a capacidade inventiva e a criatividade que mostram, na verdade, mais uma das contribuições africanas, e também afro-descendentes, para a modernidade (Mercer, 1987). Cacheados,

crespos, alisados, longos, curtos, raspados, trançados, apliques capilares, coloridos, lenços, turbantes, flores, conchas, linhas, *dreadlocks*, *black powers* e outros demonstram uma pluralidade que deve ser respeitada como um direito, admirada e celebrada em sua diversidade. Defender a diversidade em um contexto global é uma possibilidade se individualmente há uma quebra de qualquer imposição de uma única, correta e aceitável forma de ser negro no mundo. Para bell hooks (2019), há que se aceitar relatos diferentes e também encarar as pessoas como sujeitos complexos que incorporam múltiplas posições.

É possível uma postura de acolhimento e empatia com diversas trajetórias possíveis na relação de cada pessoa negra com seu corpo e cabelo. As raízes que despertam durante um processo de transição capilar afirmativa trazem questionamentos, descobertas e liberdade sobre o próprio corpo. É um processo longo e conflituoso, que permite diversas rotas que devem ser respeitadas, principalmente ao se analisar as dores suportadas e com as quais cada mulher negra lidará de forma individualizada. A liberdade que é vendida pelo discurso da aceitação do cabelo natural também pode existir na escolha pelo alisamento, uma vez que a verdadeira liberdade é possuir o direito sobre o próprio corpo, tendo sua escolha respeitada. “Então é sobre escolhas e a possibilidade de fazer essas escolhas que trazem um verdadeiro empoderamento” (Banks, 2000, p. 73, tradução nossa).

Consideramos que “enquanto continuarmos censurando umas nas outras as verdades acerca das nossas experiências, a ‘beleza’ permanecerá mistificada e ainda mais útil para aqueles que desejam nos controlar.” (Wolf, 1992, p. 381). Exigir a textura natural do cabelo como prova física de consciência racial é

problemático, pois exclui automaticamente outras possibilidades de experiências e tolhe a liberdade estética que já foi negada às pessoas e mulheres negras por tempo demais. As cores e texturas podem ser diferentes e, talvez, opostas; mas as raízes são semelhantes e, por isso, é preciso empatia e acolhimento às trajetórias individuais, coletivamente forjadas, e aos motivos das escolhas também individuais e também coletivamente forjadas.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BANKS, Ingrid. *Hair matters: beauty, power and black women's consciousness*. London: New York University Press, 2000.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).
- BYRD, Ayana D.; THARPS, Lori L. *Untangling the roots of black hair in America*. Revised Edition. Nova York: St Martin's Griffin, 2014.
- CARBONARI, Paulo Cesar. Sujeito de Direitos Humanos: questões abertas e em construção. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. (org.). *Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Ângela. Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26, 2002, Caxambu. *Anais eletrônicos [...]*. Caxambu: ANPOCS, 2002. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-26-encontro/gt-23/gt17-14/4475-afigueiredo-cabelo/file>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. 2002. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. E-book.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- HOOKS, bell. *Olhares negros, raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019. E-book.
- LEACH, Edmund Roland. Cabelo mágico. In: LEACH, Edmund Ronald; DA MATTA, Roberto. *Edmund Leach: antropologia*. Tradução Alba Zaluar Guimarães et al. São Paulo: Ática, 1983. p. 139-169. (Grandes Cientistas Sociais).
- MERCER, Kobena. Black hair/style politics. *New Formations*, Londres, v. 3, p. 33-54, 1987.
- MOORE, Carlos. *Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2020.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Cultura Negra e Identidades). E-book.
- PATTERSON, Orlando. *Escravidão e morte social: um estudo comparativo*. Tradução Fábio Duarte Joly. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SANTOS, Luane Bento dos. Entre tramas e adornos: o legado africano de trançar cabelos por uma perspectiva do patrimônio cultural. *Revista Ensaios sobre Educação e Cultura*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 63-75, 2019. Disponível em: <http://costalima.ufrrj.br/index.php/REPECULT/article/view/276/621>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- SARLET, Ingo Wolfgang. *Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988*. 4. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.